



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

“EDUCAR PARA TRANSFORMAR”: A PRÁTICA DAS OFICINAS.

**Hardalla Santos do Valle¹
Eduardo Arriada²**

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo destacar a importância da prática de ações pedagógicas, como oficinas, na construção de uma Educação ambiental transformadora. A escolha de tal tema é oriunda do estudo de dois projetos da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) que obtiveram resultados agregadores através de suas oficinas, contribuindo na construção de uma sociedade ambientalmente equilibrada. Nesse sentido, almejamos incentivar a expansão de ações universitárias que beneficiem as comunidades nas quais as instituições de ensino superior estão inseridas. Assim acarretando relações de troca de conhecimentos para a posterior mudança do atual panorama de caos socioambiental.

Palavras-chave: Oficinas socioambientais. Extensão. Consciência socioambiental.

"EDUCATE TO BECOME" THE PRACTICE OF WORKSHOPS.

ABSTRAC: This paper aims to highlight the importance of practical pedagogical activities such as workshops, the construction of an environmental education sector. The choice of this issue comes from the study of two projects at the Federal University of Rio Grande (FURG) who obtained results aggregators through its workshops, contributing to the construction of an environmentally balanced society. In this sense, we aim to encourage the expansion of university actions that benefit the communities in which higher education institutions are located. Thus causing the exchange relations of knowledge to further change the current landscape of social and environmental chaos.

Key-words: Social and environmental workshops. Extension. Social and environmental consciousness.

"EDUCAR PARA CONVERTIRSE EN" LA PRÁCTICA DE LOS TALLERES.

RESUMEN: El presente trabajo pretende poner de relieve la importancia de la práctica de actividades pedagógicas tales como talleres, la construcción de un sector de la educación ambiental. La elección de este tema proviene del estudio de dos proyectos de la Universidad Federal de Río Grande (FURG) que obtuvieron los agregadores de los resultados a través de sus talleres, lo que contribuye a la construcción de una sociedad ambientalmente equilibrada. En este sentido, nuestro objetivo es fomentar la expansión de las acciones universitarias que benefician a las comunidades en las instituciones de

¹ Graduada em História pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE-UFPEL). Membro do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE). Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Graduado em História pela Universidade Católica de Pelotas (Ucpel). Graduado em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande (UFPEL).



educación superior se encuentran. Por lo tanto haciendo que las relaciones de intercambio de conocimiento para cambiar aún más el panorama actual de caos social y ambiental.

Palabras-clave: Talleres sociales y ambientales. La extensión. La conciencia social y ambiental

INTRODUÇÃO

Como afirma Legan (2007), ainda se discute muito dentro das universidades sobre teorias e hipóteses para um mundo sustentável. No entanto, as ações em prol desse ideal não são vastas tanto como suas discussões. Nesse sentido, através desse trabalho se propõe a análise do papel das Universidades na busca pela transformação socioambiental e como pode ser agregadora a utilização de algumas ações pedagógicas, como oficinas, dentro desse processo.

É importante destacar que caracterizamos as oficinas como uma forma de construir conhecimento a partir da ação-reflexão-ação. Ou seja, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir- pensar -agir, com objetivos pedagógicos. Já para ratificar sua importância, vamos relatar sucintamente duas experiências de oficinas criadas e desenvolvidas por profissionais da Universidade Federal do Rio Grande em projetos distintos.

A primeira experiência com oficinas abordada será do Projeto “Adeus aos lixões”, do ano de 1990, que visava a implantação da coleta seletiva de resíduos sólidos na cidade do Rio Grande, assim como a disseminação da consciência ambiental. Em seguida discorreremos a respeito das oficinas do Projeto “Reciclar é Vida”, criado e aprovado no ano de 2005 e vigente até os dias atuais, que tem como objetivo a implantação da coleta seletiva e conscientização ambiental no bairro Vila da Quinta da cidade do Rio Grande.

Cumpramos considerar que ambos os projetos que servem como alicerces dessa discussão nos mostram que é possível contribuir para uma mudança socioambiental a partir de iniciativas provindas da academia. Nesse sentido, apresentamos as seguintes inquietudes como norteadoras desse trabalho: Qual o papel das Universidades frente a



um contexto de caos socioambiental? De que forma ações pedagógicas, como oficinas, podem contribuir na construção de uma educação transformadora?

Na busca por respostas, foram aqui utilizadas a análise de conteúdo que parte da mensagem, mas considera as condições contextuais de seus produtores e assenta-se na concepção crítica e dinâmica da linguagem, objetivando interpretar o sentido que um indivíduo atribui às mensagens (FRANCO, 2005). Assim como, a inserção ecológica que é uma metodologia de pesquisa que focaliza o “desenvolvimento-em-contexto”. Ou seja, o pesquisador insere-se no ambiente a ser estudado e investiga a influência desse ambiente no desenvolvimento das pessoas. Esta metodologia foi elaborada a partir da Teoria dos Sistemas Ecológicos de Urie Bronfenbrenner.(CECCONELLO, 2003).

Dado o exposto, será apresentado primeiramente o conceito que escolhemos de oficina e suas possibilidades, bem como, os preceitos de uma educação transformadora. Logo após, discorreremos sobre as experiências com oficinas dos projetos “Adeus aos Lixões” e “Reciclar é Vida”. Por último discutiremos a importância da relação ensino-pesquisa -extensão dentro das universidades.

AS OFICINAS

A articulação entre teoria e prática é sempre um desafio, em todas as áreas do conhecimento. Entre pensar e fazer algo há uma grande distância que, no entanto, pode ser vencida. Um dos caminhos possíveis para a superação dessa situação é a construção de estratégias de integração entre pressupostos teóricos e práticos, o que, fundamentalmente, caracteriza as oficinas.

Oficina é uma forma de construir conhecimento, com ênfase na ação, sem perder de vista, porém, a base teórica. Vieira (2002) conceitua como sendo um tempo e um espaço para aprendizagem, um processo ativo de transformação recíproca entre sujeito e objeto, um caminho com alternativas, com equilibrações que nos aproximam progressivamente do objeto a conhecer.

Logo, a oficina pode ser considerada uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. Nesse sentido, a metodologia da oficina muda o foco tradicional da



aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão. Em outras palavras, numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva.

Uma oficina deve atender a articulação de conceitos, pressupostos e noções com ações concretas, vivenciadas pelo participante ou aprendiz, bem como, a vivência e execução de tarefas em equipe, isto é, construção coletiva de saberes. (VIEIRA, 2002)

O professor ou coordenador da oficina não ensina o que sabe, mas vai oportunizar o que os participantes necessitam saber, sendo, portanto, uma abordagem centrada no aprendiz e na aprendizagem e não no professor. Desse modo, a construção de saberes e as ações relacionadas decorrem, principalmente, do conhecimento prévio, das habilidades, interesses, necessidades, valores e julgamentos dos participantes. Assim, desenvolve-se uma experiência de ensino e aprendizagem em que educadores e educandos constroem juntos o conhecimento num espaço para vivência, reflexão e conceitualização como síntese do pensar, sentir e agir. (CANDAU, 1999).

É importante mencionar que uma oficina, como qualquer ação pedagógica, pressupõe planejamento, mas é na execução que ela assume características diferenciadas. Nesse sentido, o planejamento prévio de uma oficina deve ser flexível, ajustando-se às situações-problema apresentadas pelos participantes, a partir de seus contextos reais de trabalho.

Em seguida a partir de uma negociação que perpassa todos os encontros previstos para a oficina, podem ser propostas tarefas para a resolução de problemas ou dificuldades existentes, incluindo o planejamento coletivo de atividades, produção de materiais, execução de dinâmicas e a apresentação do produto final, seguida de reflexão crítica e avaliação. As técnicas e os procedimentos são bastante variados, incluindo trabalhos em duplas e em grupo para promover a interação entre os participantes, sempre com foco em atividades práticas.

Cumprido considerar que na medida em que é promovido entre o professor e os alunos momentos de informação, questionamento, integração e aprendizagens caminhamos em direção a uma maior autonomia dos envolvidos. Paralelamente, a cooperação que decorre da diminuição de distâncias entre educadores e educandos, provoca sua transformação. Possibilidade que pode ser exercitada no contexto



acadêmico beneficiando futuramente as comunidades que fazem parte da realidade das instituições de ensino superior.

EDUCAR PARA TRANSFORMAR

Entre todas as possibilidades de ação dentro das Instituições de Ensino Superior, destacamos aqui aquelas instigadas pela preservação da sociedade e do ambiente. Logo, também defendemos o papel das Universidades enquanto espaço de fomento da consciência socioambiental. Visto que, a conservação da qualidade do meio ambiente e, conseqüentemente, da qualidade de vida, tem sido uma preocupação da sociedade desde há algum tempo. Intensifica-se, com isto, a demanda por atividades que estimulem o desenvolvimento de uma consciência ambiental, não só ecológica, do ponto de vista da natureza, mas também visando às questões social, cultural e econômica relacionada à existência do homem (AMÂNCIO, p.1, 2005).

Dessa forma, acreditamos, e apostamos, na idéia que a educação tem a função de fomentar nos sujeitos sociais uma prática social transformadora, e por isso, julgamos pertinente a sociedade avaliar se esse papel tão importante vem sendo cumprido, principalmente dentro das universidades, que tanto podem fazer em prol desse ideal. Devemos lembrar que o “educar” aqui entendido, se define, em concordância com Loureiro (2004), pela unicidade dos processos que problematizam os atributos ambientais, culturais e relativos à vida, quando repensam os valores e comportamentos dos grupos sociais; com os que agem nas esferas política e econômica, quando propicia caminhos sustentáveis e sinaliza para novos padrões societários.

É interessante considerar que muito mais poderia ser feito se houvesse a almejada conscientização ambiental de toda comunidade acadêmica. Porém, sabemos que essa transformação é um trabalho árduo, pois o desleixo com o amanhã já está impregnado culturalmente. Isso porque as pessoas crescem em meio a hábitos totalmente distorcidos e asserções completamente errôneas sobre preservação e consciência.

É importante frisar que temos o entendimento que a responsabilidade pelo meio que vivemos é de todos, mas acreditamos que para quem possui as oportunidades de



conhecer e transformar em práticas coletivas esse conhecimento não se pode admitir que meçam esforços para a divulgação deste a toda sociedade. (NOBRE, 2006)

Além disso, sabemos que seus resultados não aparecerão efetivamente em um ou dois anos, mas mesmo assim enfatizamos que está na hora de começar essa transformação. Motivos não faltam, pois é de conhecimento geral o caminho que o planeta está traçando, estamos vivendo em uma sociedade desequilibrada ambientalmente e desigual culturalmente, e isso tem que começar a ser modificado a partir de agora.

DOIS PROJETOS QUE TRABALHARAM COM OFICINAS

Nessa parte do texto nos dedicamos a expor duas experiências de oficinas realizadas em projetos da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) que contribuíram para a construção do equilíbrio socioambiental da comunidade local.

O primeiro projeto, denominado “Reciclar é Vida”, pode ser definido como uma intervenção que possibilita a conscientização de acadêmicos, técnicos e professores da Universidade Federal do Rio Grande FURG. Este projeto tem como objetivos principais a conscientização frente a coleta seletiva de lixo na FURG, bem como, o destino destes resíduos a cooperativas de catadores. Uma das cooperativas que recebem os resíduos da universidade é a Recicladora Vitória, que trabalha com a triagem de resíduos sólidos para a comercialização na Vila da Quinta (bairro rural da cidade do Rio Grande). O grupo é constituído na sua maioria por mulheres, negras, com pouca escolaridade e baixo poder aquisitivo, que apresentam dificuldades de se inserir no mercado de trabalho. Esse grupo é assessorado pelo NUDESE (Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico da FURG).

No que tange as oficinas desenvolvidas durante o projeto “Reciclar é Vida” devemos esclarecer que a realização desse trabalho ocorreu nas turmas de ensino fundamental de cinco escolas da Vila da Quinta. O foco dessas oficinas era disseminar o ideal da coleta seletiva no bairro, assim como informar e/ou enfatizar a existência da Recicladora Vitória e do Projeto “Reciclar é Vida” para a comunidade.



Segundo relatório do projeto, as oficinas eram constituídas a partir da realidade do aluno e suas percepções de mundo. A primeira pergunta feita para as turmas sempre era: O que é lixo? A partir das respostas, que variavam desde “é o que não presta” até “é dinheiro, pois meu pai cata” ia se delineando, a partir da reflexão, uma teia de novos significados para todos que participavam da oficina. Entre as formas diferenciadas de conscientização, muitas vezes eram feitas dinâmicas com materiais recicláveis.

Em relação aos resultados desse trabalho com as oficinas, podemos ressaltar além da “semente” de conscientização plantada, a implementação do “dia da coleta” em duas escolas. O “dia da coleta” é um dia específico da semana no qual os alunos podem levar seus resíduos sólidos devidamente separados durante a semana e depositar nos coletores da escola.

A segunda experiência de oficinas destacadas diz respeito ao projeto, “Adeus aos lixões” do ano de 1990, que atuou na iniciativa da coleta seletiva de lixo na cidade do Rio Grande/RS, prática da educação ambiental em escolas e universidade, e no incentivo a cooperativa de catadores de lixo para realização da necessária, separação de resíduos e posterior geração de trabalho e renda.

Uma das principais formas de disseminação do projeto foi o “Dia do Lixo” que era um dia da semana no qual se realizavam, em uma determinada escola, palestras e oficinas dirigidas por educadores. Logo após as palestras e oficinas, começava a ser realizada uma coleta seletiva, pela Secretaria Municipal dos Serviços Urbanos, dos resíduos previamente separados e encaminhados para o estabelecimento de ensino.

O material seria recolhido pela secretária Municipal dos serviços Urbanos era conduzido para o espaço destinado a separação por tipo de material, onde também será feita a avaliação do que foi arrecadado.

Entre as finalidades do projeto podemos salientar a caracterização dos hábitos de populações com atividades semelhantes, a observação dos diferentes comportamentos e resposta no processo de conscientização, a caracterização do lixo em diferentes camadas sociais, a facilitação do processo de realimentação de informações e metodologia adequada para as diversas comunidades, a identificação de interesses particulares setoriados, com zoneamento sanitário e a homogeneidade de comunicação. (Parágrafo retirado do projeto original de “Adeus aos Lixões”)



Como comentado na citação acima, o procedimento a ser adotado nessa campanha de educação, teria como importância fundamental a definição e avaliação de um universo homogêneo de caráter socioeconômico.

O “Dia do lixo” era realizado por uma equipe interdisciplinar que se locomovia até determinada escola e que, chegando ao local, dividiam-se entre algumas turmas, para vinte minutos de palestras e/ou oficinas sobre as problemáticas suscitadas no projeto. Além disso, a equipe tinha a função de lançar a proposta aos discentes de levarem todas as quintas-feiras resíduos sólidos recicláveis para a escola, para o recolhimento pelo órgão público municipal.

O projeto abrangeu efetivamente todas as escolas da cidade. No que tange a resposta obtida com esse trabalho, podemos enfatizar que através da análise documental foi possível perceber uma imediata adesão da ideia pelos alunos das escolas da cidade do Rio Grande. Isso porque, houve um aumento considerável no número de resíduos sólidos durante o dia de recolhimento dos resíduos. Outra importante conquista do projeto foi a criação da primeira associação de catadores da cidade em 1991, a Associação dos Catadores e Separadores de Lixo de Rio Grande (ASCALIXO).

Logo, a partir dos dois relatos de experiência citados podemos perceber como uma metodologia pedagógica aparentemente simples, as oficinas, tendo como sustentáculo uma boa base teórica e a vontade de mudar o contexto de caos socioambiental de uma localidade pode contribuir na mudança de um panorama de caos, cumprindo o papel de agente social das universidades.

ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Nessa perspectiva, outro ponto que deve ser destacado é a importância da relação: ensino, pesquisa e extensão, que tem contribuído com novas perspectivas de intervenções da universidade na comunidade.

Na perspectiva do ensino, devemos ressaltar que a academia tem o dever de formar não apenas profissionais de áreas específicas, mas também cidadãos comprometidos, pessoas conscientes das problemáticas atuais e da sua responsabilidade individual dentro do contexto que estão inseridos. Como afirma OLIVEIRA (1993), é



preciso pensar em formar cidadãos para a prática social e não só para passar sua vida profissional colocando no papel suas idéias e asserções.

A pesquisa é mais um aspecto do tripé, que deve ser articulado com ensino e extensão, onde suas ações se complementam e contemplam propostas de âmbito universitário. Nessa perspectiva, se percebe a importância do papel da universidade de buscar com a pesquisa a fomentação de trabalhos voltados para a comunidade em geral. Assim propiciando políticas públicas através da formação de profissionais que não estarão despreparados, visto que, a visão de mundo é algo indissociável da teoria. Isso porque, tudo o que a comunidade faz não é nada a mais ou a menos do que a prática que precisamos prover na Universidade (OLIVEIRA, 1995).

Com essa noção, partimos para a problemática da extensão, que é a parte prática do aprendizado realizado através da teoria. A extensão serve para aproximar a comunidade acadêmica da sociedade, serve para quebrar as barreiras dos antigos e fechados métodos e instaurar um processo educativo de transformação. Entre os argumentos daqueles que não aprovam sua inserção dentro da realidade educacional, está o fato de que a extensão tornaria o conhecimento do universitário mais local, dedicado a resolução de problemas banais e que aquele que se dedica exclusivamente a teoria, saberá agir diante de qualquer situação devido ao intenso estudo (MORAES, 1998), o que é absurdo afirmar. Como diz FREIRE:

[..] quando tentamos um adentramento no diálogo, como fenômeno humano, isso nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a *palavra*. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos. Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões; ação e reflexão, de tal forma solidária em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se resente, imediatamente, a outra. A palavra inautêntica, por outro lado, com que não se pode transformar a realidade, resulta da dicotomia que se estabelece entre seus elementos constituintes. Assim é que, esgotada a palavra de sua dimensão de ação, sacrificada, automaticamente, a reflexão também, se transforma em palavreria, verbalismo, blablablá. Por tudo isto, alienada e alienante. É uma palavra oca, da qual não se pode esperar a denúncia do mundo, pois que não há denúncia verdadeira e sem compromisso de transformação, nem este sem ação. (FREIRE, p.44,1987)

Assim sendo, refutamos a asserção de que a teoria, mesmo que intensificada, basta para saber lidar com o mundo fora dos muros da universidade, pois para lidar com



o mundo, julgamos essencial conhecê-lo. E temos a plena certeza que com uma boa docência o saber, o conhecimento, pode ser esmiuçado a partir da mais ínfima atitude. Dessa forma, ratificamos que é necessária a aceitação dessas indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão para o pleno aproveitamento do aprendizado pelo discente e para a evolução da universidade, enquanto realmente um espaço de ensino. Ou seja, devemos nos desprender dos preconceitos e ensinar para o trabalho, para o mundo e para a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, o presente artigo foi construído como uma tentativa de alertar aquele que lê sobre seu contexto e papel socioeconômico dentro da realidade atual e, principalmente, sobre a responsabilidade que a academia possui nessa mesma perspectiva. Como ferramenta de mudança, destacamos aqui a prática das oficinas. Enfatizando nessa construção duas experiências de oficinas efetivadas por projetos da Universidade Federal do Rio Grande.

Discutimos, também, a questão do ensino, pesquisa e extensão como algo indissociável e necessário de ser trabalhado nas Instituições de Ensino Superior. Visto que acreditamos que o verdadeiro ensino é aquele que prepara não somente para a profissão, mas também para a vida, para o amanhã. Contudo, para alcançar esse nível de educação nossas instituições devem valorizar o ensino e a pesquisa, associados à prática, idéia que ainda enfrenta muitos preconceitos.

Assim sendo, expomos no decorrer desse trabalho alguns pontos que percebemos serem essenciais a qualquer discussão sobre o papel universitário no contexto atual. Pretendemos com isso, fomentar a reflexão de profissionais da área sejam eles, professores, alunos, administradores e também a própria população que pode, e deve cobrar esse papel de nossas universidades, pois realmente acreditamos que somente por meio dessa educação transformadora, nossos futuros profissionais poderão modificar efetivamente o caos que instauramos devido nossa ignorância e educação metódica.



REFERÊNCIAS

- AMÂNCIO, C. O Porquê da Educação Ambiental. Net, 2005. Disponível em: Campinas, 1998. Disponível em: <http://www.agronline.com.br/artigos/artigo.php?id=272>
- CANDAU, V. M., ZENAIDE, M. N. T. Oficinas Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos, João Pessoa: Programa Nacional de Direitos Humanos; Secretaria da Segurança Pública do estado da Paraíba; Conselho Estadual da Defesa dos Direitos do Homem e do Cidadão, 1999
- CECCONELLO, Alessandra Marques. Inserção Ecológica na Comunidade: Uma Proposta Metodológica para o Estudo de Famílias em Situação de Risco. Revista Psicologia: Reflexão e Crítica, 2003, nº 16, v.3. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a10.pdf>
- DUARTE, Regina Horta. História & Natureza. Belo Horizonte; Editora Autentica, 2005.
- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.
- GALIAZZI, Maria do Carmo & FREITAS, José V. (orgs.). Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental. Ijuí/RS: Unijuí, 2005. (p. 15 – 61).
- GOHN, M.G. Educação não-formal e cultura política. São Paulo: Cortez, 1999. (2005, 3. ed.).
- GRIPPI, Sidney. Lixo: Reciclagem e sua história. Editora Interciência, Rio de Janeiro, RJ, 2006.
- LEGAN, Lúcia. A escola sustentável. Eco alfabetizando pelo meio ambiente; Editora Imprensaoficial. São Paulo, SP, 2007.
- LOUREIRO, C. F. Educação Ambiental Transformadora. Erechim: Editora Edifapes, 2004.
- LOUREIRO, Carlos Frederico. Educar, Participar e Transformar em Educação Ambiental. Revista Brasileira de Educação Ambiental. Brasília, 2004, nº zero.
- MORAES, R. C. Educação e Sociedade. Universidade HojeEnsino,
- NOBRE, L. O destino dos resíduos sólidos da FURG. Rio Grande, 2007.
- NOBRE, L. O lixo da universidade gerando trabalho e renda: mais um ideal a ser perseguido. Rio Grande, 2006. Pesquisa e Extensão. Disponível em: [pid=S010173301998000200003&script=sci_arttext&tlng=pt](http://www.furg.br/revista/revista.php?pid=S010173301998000200003&script=sci_arttext&tlng=pt)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

“EDUCAR PARA TRANSFORMAR”: A PRÁTICA DAS OFICINAS.

OLIVEIRA, A. D. *Prá não dizer... que só falei de lixo*. Rio Grande: Editora: FURG, 1993.

OLIVEIRA, A.D. *Aplicação da metodologia Gaia aos resíduos sólidos de Rio Grande*, Rio Grande, 1999.

PROJETO original “Adeus aos Lixões”, 1989.

PROJETO original “Reciclar é Vida”, 2005.

RELATÓRIO sobre “Educação ambiental comunitária”, 1990 da comissão executiva do serviço de destinação de resíduos.

RELATÓRIO sobre exposições do lixo reciclado na FURG da comissão executiva do serviço de destinação de resíduos.

RELATÓRIO Gestão Ambiental no município do Rio Grande, Prefeitura Municipal do Rio Grande, Setembro, 2010.

RELATÓRIO, Projeto “Reciclar é Vida”, 2008.

RIBEIRO, Mauricio Andrés. *Ecologizar: Pensando o ambiente humano*, Belo Horizonte, Editora Rona, 2000.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. *Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como?* 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

Recebido em: 26/03/2012
Aprovado em: 02/07/2012